

7

E a história não termina assim...

Não sei se chegamos a um lugar encantador, como falava Borges sobre os caminhos a que um romance (e nós aqui estendemos à pesquisa) nos leva. Mas com certeza descobrimos, ou melhor, compartilhamos, tesouros. Partimos da chamada “teoria”: conceitos que norteiam este trabalho e que aceitamos como premissas, embora saibamos que a vertente de estudos com ênfase no receptor é recente. O texto como um objeto dinâmico, em construção, atualizado a cada leitura. (O que é um texto sem um leitor?) Leitura, apoteose da escrita. A falta de inocência do discurso: a língua como manifestação de uma ideologia. O caráter dialógico da linguagem: a obra girando em torno dos eixos do eu e do outro. A literatura como a pedra de Bolonha: irradiando à noite o que aprisionou durante o dia, iluminando um novo dia. O sujeito construído não através da linguagem, mas na linguagem. O discurso comprometido com a posição de quem o usa. A historicidade da leitura. A interdisciplinaridade – esses são alguns dos conceitos usados em busca de uma compreensão do funcionamento do processo de atribuição dos sentidos. Impossível, ou ao menos indevido, passar à leitura sem convocar essas reflexões.

No capítulo três, abrimos a página do livro e começamos nossas leituras. Entramos no Ateneu, vimos o professor Aristarco furioso; conhecemos a sala de aula de Seu Pilar e Raimundo, os alunos do terrível professor Policarpo; visitamos a escola do menino de engenho, a casa de correção; acompanhamos a transformação “de menino a homenzinho” de Cazusa. Depois, Madalena nos fez chorar, talvez tanto quanto Paulo Honório; Dona Maria nos deu alguns minutos de sossego no seu tratamento com o “bezerro-encourado”; Fraulein ensinou a língua e o amor ao adolescente. Na sala de Sofia, nos seduzimos pelo professor que transforma a menina em mulher do rei da Criação. Na turma da professora maluquinha, sentimos o prazer da leitura e da escrita. Em cada texto, nos comovemos – e como ser de outro jeito?

O movimento que a literatura desencadeia, de natureza catártica, mobiliza os afetos, a percepção e a razão convocados a responder às “impressões” deixadas pelo discurso, cujo único compromisso é o de co-mover o leitor, de tirá-lo de seu lugar habitual de ver as coisas, de fazê-lo dobrar-se sobre si mesmo e descobrir-se um sujeito particular. O processo não é tão simples e rápido, mas uma vez desencadeado, torna-se prazeroso e contínuo.³⁴³

Na leitura feita, não foram expressos, mas com certeza foram mobilizados, os professores da minha infância, os professores que me marcaram, a minha admiração por uns, o medo de outros, a professora que eu queria ser, a relação de meus filhos com os seus professores, a minha relação com a literatura, os livros que li, os livros que escrevi, os livros que lerei e escreverei, ou seja, a minha experiência de vida, minha memória, minha história. Quem pode achar que os mesmos textos sob a análise de outro pesquisador renderiam as mesmas observações? A interpretação é pessoal e intransferível, embora saibamos que a memória pessoal interage com a memória coletiva e que o texto impõe os seus próprios limites.

A seguir, buscamos na história da educação alguns pontos que ajudariam a dialogar com os textos. De uma escola feita por homens e para homens a uma escola conduzida basicamente por mulheres. O processo de feminização do magistério estende-se até hoje, como aponta a conclusão do relatório “Estatísticas do Professor”, produzido pelo Ministério da Educação em 2003:

“As estatísticas mostram também que a docência na educação básica é uma atividade majoritariamente feminina, o que implica que a questão de gênero não pode ser ignorada como ocorre, mas incorporada como uma variável importante nas políticas e nos estudos da área.”³⁴⁴

No quinto capítulo, vimos outras pesquisas sobre o tema – O professor na literatura infanto-juvenil, o professor no cinema brasileiro e o professor impresso nas revistas – , com o objetivo de fazer conexões, buscar recorrências, articular pontos de vista. Muitas das imagens que os livros infanto-juvenis, por exemplo, nos trazem no final do século XX, assemelham-se àquelas imagens apreendidas em textos literários de muitas décadas antes. O professor tirano, distante da linguagem dos alunos. A professora maternal, afetiva. Os professores sedutores. A

³⁴³ YUNES, Eliana. (org.). **Pensar a leitura: Complexidade**, p. 27.

³⁴⁴ Disponível em http://www.sbfisica.org.br/arquivos/estatisticas_professores_INEP_2003.pdf, consultado em 04/02/2008.

professora responsável pelo espaço da escola, cuidando dele como se fosse um anexo de sua própria casa.

A presença de uma professora “histórica”, que fala sem parar, que grita enlouquecidamente, parece ser a novidade: seria ela uma nova versão do professor castrador e feroz da virada do século XIX para XX? Será o grito o recurso legitimado em nosso tempo, substituto da palmatória?

O processo da feminização do magistério, visível nos livros, marca presença também em outras áreas: no cinema brasileiro, nos jornais, nas revistas, na televisão – que, aliás, insiste na imagem da professora ingênua, dócil, “a professorinha” (será que o sufixo é também um sufixo carinhoso, dependendo do ponto de vista?).

Mas a observação das imagens do professor na literatura, nas artes e na mídia, embora nos pareça fundamental, é ainda insuficiente: esta pesquisa seria ao mínimo incompleta se não ouvíssemos “eles”, os professores “de verdade”. Recolhemos seus depoimentos separadamente a fim de manter suas especificidades. Alguns pontos em comum, no entanto, nos chamaram atenção.

A escola do professor Eduardo Jardim era freqüentada só por meninos; a escola da professora Maria Clara, só por meninas. Em pleno século XX (e ainda hoje), a questão do gênero parece continuar marcante, não só “no banco da escola”, mas sobretudo no palanque diante do quadro-negro.

O pai do professor Eduardo Jardim era professor. O pai da professora Solange Jobim também. Que papel eles tiveram para que seus filhos se tornassem professores? O pai de seu Pilar (*Conto de Escola*) pôs o filho na escola para que ele se tornasse caixeiro; o pai do menino de *Infância* sabe que a escola, apesar de tudo, dará “a arma terrível” ao filho; o pai de Sergio reconhece que no Ateneu o filho encontrará o mundo. Cabia ao pai, há mais de um século, colocar o filho na escola; cabe hoje a ele também fazer o filho professor? Ou tudo é coincidência?

A avó e as tias da professora Maria Clara eram professoras. Foram elas que lhe ensinaram o respeito pelo professor. A mãe de Júlio fez questão de guardar todo o material de escola do filho. O professor era para estas famílias uma figura crucial. Poderiam seus filhos tornarem-se professores se não fosse assim? O que acontecerá sem a valorização da figura do professor? A desvalorização da imagem do professor, a que se referem todos os professores entrevistados,

produzirá que professores? Que imagem está sendo desenhada por uma sociedade que julga que o professor está a seu serviço?

O professor Júlio Diniz tem na memória uma escola lúdica, em que a brincadeira – fosse com as palavras ou com a bola – era sempre bem-vinda. Foi nessa escola alegre, comunicativa, nessa escola prazerosa, que ele buscou inspiração para ser o professor que é? A maneira como cada professor ensina parece depender daquilo que é como indivíduo quando exerce o ensino, de sua identidade. Como serão os professores do próximo século produzidos na escola e na sociedade de hoje?

Todos os nossos entrevistados têm os olhos brilhando quando falam de suas lembranças, dos professores que os marcaram. Os primeiros professores foram mulheres. Júlio se lembra de professoras afetuosas, maternais. Como dona Maria, a professora que mandava o menino de *Infância* limpar as orelhas.

Para a maioria, o professor entusiasmado, o professor transgressor, o professor criativo foram os que deixaram mais rastros. A professora Eliane Junqueira não se esquece de um livro que comprou em Paris para um professor que admirava. Eduardo diz que foi um professor que lhe apresentou a literatura contemporânea. Júlio vai mais longe: quis ser professor a partir do exemplo de dois professores. Ao escolher Dona Benta como a professora que mais a marcou na literatura, será que Maria Clara tinha em mente sua avó professora?

Os primeiros livros chegaram a nossos professores pelas mãos dos pais. Solange lia os livros que o pai lia. Júlio passava horas folheando o livro em inglês que o pai ganhara de presente. Na casa de Maria Clara, uma verdadeira biblioteca. Os professores reconhecem que foram seduzidos pela leitura ainda crianças, no ambiente de casa, “leitores desde sempre”, insistem. Aos domingos, um tio de Solange Jobim promovia serões após o almoço. Já na casa do Coronel José Paulino, não havia quarto para a musa, nos conta o menino do engenho. Pode um professor tornar alunos leitores sem ser ele mesmo um leitor? Pode um pai querer que seu filho leia se ele não lê? Pode um país querer que seu povo seja leitor sem bibliotecas, sem livrarias, sem uma política de leitura? Os professores “de verdade” e os “professores-personagens” mostram que ninguém “vira” leitor por acaso. “Só seduz quem é seduzido”, diz Júlio.

Na sala de aula de Aristarco, Policarpo, seu Maciel, o livro não circulava. São os livros do tio Juca que fazem o menino de engenho encantar-se pelas palavras. São os livros de Jerônimo Barreto que garantem ao menino de *Infância* “a provisão de sonhos.” Nossa professora maluquinha vive agarrada a um livro, mas talvez por isso, seja obrigada a abandonar a escola. As palavras serão ainda hoje “armas terríveis”? Será que por isso é preciso tanto para promover a leitura em sala de aula? Por isso o analfabetismo funcional? – perguntas que valem ser feitas.

O que fez de nossos entrevistados professores? O ambiente familiar? O gosto pela leitura? O contato com professores entusiasmados? A paixão pelas palavras? Eduardo Jardim afirma que nunca teve como ideal ser professor, mesmo sendo o pai professor universitário. Solange Jobim também, apesar de o pai, professor de português e inglês, desejar que a filha seguisse sua profissão. Será o acaso tão forte assim?

O professor Mário Venâncio anuncia ao menino de *Infância* sua vocação de escritor. O professor de Sofia faz a menina perceber que, independentemente dela mesma, suas palavras eram capazes de atingir os outros e transformá-los. Coincidências? Ou as palavras do professor têm tanta força que fazem dos alunos, escritores; dos filhos, professores?

Interessante também pensar que são dois professores homens que têm a sensibilidade de perceber a vocação do aluno. Quando a mulher é a sensível, a transgressora, a que aponta caminhos, seu caminho é sempre mais difícil? Ou até, dependendo de seu lugar de atuação, impossível? Será que professoras inovadoras ainda são consideradas “professoras maluquinhas”?

Quase todos os entrevistados acreditam que o professor tem uma importância crucial, apesar do desprestígio da profissão. A relação entre alunos e professores já não é aterrorizante como nas escolas de antigamente, não temos mais os olhos do diabo a espreitar. Mas qual o novo paradigma? O desprestígio do professor em nossa sociedade quer dizer o quê?

Educadores insistem que o professor precisa se ver como sujeito na história e sujeito da história. É urgente que ele ressignifique o seu papel.

Perguntamos: que tipo de produtor é o professor? É autor do seu trabalho, ou passou simplesmente a ocupar um lugar na “linha de montagem” da escola, não só graças à divisão social do trabalho, mas também devido à perda de sua experiência e de seus elos culturais com o coletivo? É possível, apesar de tudo, construir com os alunos uma prática social comum? As diferentes estratégias de formação têm favorecido aos professores falar de suas vidas e ampliar seus conhecimentos, ou eles tão somente são reduzidos à condição de audiência passiva de informações parceladas desvinculadas de seu saber, de sua prática, de sua história?³⁴⁵

O professor precisa poder deixar seus rastros. O aluno também, dizem as educadoras. Como recuperar esta capacidade de deixar rastros, de deixar marcas, de conquistar a palavra, de se apropriar da leitura e da escrita, de ser sujeito criador e recriador de sentido, no mundo da velocidade, do automatismo e da globalização?

A cisão entre a vida e o trabalho, já presente no professor de *Conto de Escola* – “Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto”, parece ser uma constante. Juntar as pontas, a vida da profissão, um dos caminhos. “A função do professor não é mais de trazer informação, mas de organizar as informações”, diz Solange Jobim. A função é cultural, insiste ela. Exige militância política, acrescenta Júlio.

Contrariando a paixão pela sala de aula, temos o depoimento do professor – ou da professora – desiludido(a): dar aulas é uma questão de sobrevivência, de falta de opção. Ou de puro narcisismo? Pontos de vista inconciliáveis? Não nos parecem.

Lembremos Bakhtin: toda enunciação é um diálogo; faz parte de um processo de comunicação ininterrupto. Isso significa que é importante considerar todas as vozes (até as que ficaram de fora neste estudo), buscar relacioná-las. O professor castrador (de que se lembra Eliana Junqueira, “a professora de história era brava como o professor de Cazuzá); a professora carinhosa e afável – a de Júlio e a do menino de Graciliano –, a doce professorinha que povoa o imaginário brasileiro; a professora sedutora, a Fraulein alemã e forte que conquista o adolescente – quantas imagens feitas estas não se espalham pelas novelas e pelas cidades brasileiras? O professor da menina Sofia, o professor das patas macias, o

³⁴⁵ KRAMER, Sonia e JOBIM e SOUZA (orgs). *Histórias de Professores – Leitura, escrita e pesquisa em educação*. São Paulo: Editora Ática, p. 16.

professor sedutor: quem não o deseja? quem não o procura? “O professor brasileiro tem que ser um artista no mundo”, proclama o professor Júlio Diniz.

Ficção e realidade: Policarpo, Aristarco, Júlio, Maria Clara, D. Maria, seu Maciel, Solange, Eduardo, Eliane, Madalena, o professor que não tem nome, o menino que não tem nome, o professor de Sofia, Fraulein, a professora maluquinha – a trama se tece, numa multidão de fios, palavras, perguntas.

Da sedução à palmatória: as imagens do professor na literatura e na cultura brasileiras são muitas. Não por acaso, na “vida real”, também. Eduardo Jardim diz que é impossível falar de um professor brasileiro. Um país tão diverso como o nosso não comporta modelos, não comporta um professor, diz ele, mas muitos professores. Algumas imagens são mais recorrentes – foram as que aqui tentamos captar. Buscamos tentar entendê-las, perceber o sentido, compreender sua produção. A literatura está diretamente ligada à vida e não nos interessa qualquer abordagem que exclua esse que é seu potencial, sua força e fascínio.

A literatura não quer perder a possibilidade de reinventar, reescrever, vislumbrar significados, imagens, representações. Explicar é em vão; resumir, concluir, idem. Índícios, hipóteses, diálogos, interpretações – foi o que tentei: exercício de leitura, exercício de escrita, exercício de aprendizado, muito mais que qualquer pretensão de decifrar, responder, esgotar – o mundo é tão irreal quanto a ficção; a ficção é tão real quanto o mundo. O texto, no centro do círculo, provoca infinitamente.

Mas é preciso dizer, ainda é preciso dizer, a literatura vale por ela, nada pode ser mais importante do que ler Graciliano Ramos, Clarice Lispector, José Lins do Rego, Mário de Andrade, nada mais divertido que ler Ziraldo, nada mais interessante que ler.

O resto é pretexto: da palmatória à sedução, imagens do professor. Esse professor que se torna sagrado, mesmo quando diabólico, porque é com ele, é nele e através dele, que o menino, a menina, aprende a ler e a escrever. Aprende o mundo, se aprende.

Da palmatória à sedução, vimos que as representações não se constroem gratuitamente. A palavra é poder. E como tal, as palavras nos levam a muitos lugares, mas especialmente a um: a nós mesmos. Com certeza, poderíamos – ou melhor, poderemos – ir a outros lugares: é só abrir a página do livro. Da vida. E

continuar. Aqui, foi o princípio, um princípio. Do leitor às leituras do professor, do professor tirano à professora maternal, do professor sedutor à professora maluquinha, do professor personagem ao professor tão próximo a nós, há sem dúvida muitas outras histórias. Ainda bem.